



PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA EDUCAÇÃO SEXUAL DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR

DOI: 10.48075/ri.v25i1.29975

Ana Paula Guaitaneli Hommerding¹
Elaine Alves Pereira²
Luiza Martins Calça³

RESUMO: Este estudo teve como intuito realizar uma pesquisa com os professores de educação infantil e ensino fundamental, das escolas públicas, de um município no Oeste do Paraná, com o objetivo de identificar a postura do professor frente ao tema sexualidade com crianças, analisar quais os empecilhos que os professores enfrentam ao abordar o tema e investigar quanto à necessidade de um psicólogo contribuindo na educação sexual infantil. A escolha da temática, foi investigar a atuação do psicólogo nas escolas na rede pública do município de Foz do Iguaçu. O referencial teórico da presente pesquisa foi estruturado em dois tópicos, a saber: sexualidade dentro do ambiente escolar e a importância do psicólogo dentro da escola. O método utilizado na pesquisa foi levantamento de dados bibliográficos e pesquisa quali-quantitativa, sendo que a coleta de dados foi realizada através de um formulário online pela plataforma *Google Forms*, elaborado pelas pesquisadoras, contendo ao total 14 perguntas. Participaram da pesquisa 26 educadores entre 20 e 60 anos de idade que estavam no mínimo um ano efetivos em sala de aula da Educação Infantil e Ensino Fundamental de escolas municipais. Constatou-se que a maioria dos educadores é a favor do psicólogo no ambiente escolar. Constatado também que os educadores encontram dificuldades para abordar o tema sexualidade, sendo que a maioria dos entrevistados declararam não ter recebido nenhuma orientação ou capacitação sobre o tema, do qual precisa ser abordado de forma coesa, em todos os aspectos sociais.

Palavras-chaves: Educação Infantil; Ensino Fundamental anos iniciais; Educação Sexual; Psicologia.

PERCEPTION OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION AND ELEMENTARY EDUCATION TEACHERS ON THE PERFORMANCE OF PSYCHOLOGISTS IN SEXUAL EDUCATION WITHIN THE SCHOOL ENVIRONMENT

ABSTRACT: The purpose of this study was to carry out a survey with teachers of early childhood education and elementary education, from public schools, in a municipality in western Paraná, with the objective of identifying the teacher's attitude towards the theme of sexuality with children,

¹ Centro de Ensino Superior de Foz do Iguaçu (CESUFOZ) – Psicologia. E-mail: paulaguaitaneli0812@hotmail.com

² Centro de Ensino Superior de Foz do Iguaçu (CESUFOZ) – Psicologia. E-mail: elaine_alvespereira@hotmail.com

³ Centro de Ensino Superior de Foz do Iguaçu (CESUFOZ) – Psicologia. E-mail: luiza.martins.calca@outlook.com

analyzing which the obstacles that teachers face when approaching the subject and investigating the need for a psychologist to contribute to child sex education. The choice of theme was to investigate the performance of the psychologist in public schools in the municipality of Foz do Iguaçu. The theoretical framework of this research was structured in two topics, namely: sexuality within the school environment and the importance of the psychologist within the school. The method used in the research was bibliographic data collection and quali-quantitative research, and data collection was carried out through an online form on the *Google Forms* platform, prepared by the researchers, containing a total of 14 questions. The participants were 26 educators between 20 and 60 years of age who had been working for at least one year in Kindergarten and Elementary School classrooms in municipal schools. It was found that most educators are in favor of the psychologist in the school environment. It was also found that educators find it difficult to address the issue of sexuality, and most respondents stated that they had not received any guidance or training on the subject, which needs to be addressed in a cohesive manner, in all social aspects.

Keywords: Child education; Elementary School initial years; Sex Education; Psychology.

INTRODUÇÃO

A sexualidade é um tema permeado de dúvidas, preconceitos, estereótipos e tabus. Muitas vezes difícil de ser tratado em sala de aula, principalmente com crianças. Vamos discorrer sobre a importância de as escolas discutirem a sexualidade em sala de aula e sobre a inserção do psicólogo como auxiliador nesse processo.

A Organização Pan-Americana da Saúde (2017), entende a sexualidade como sendo influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais. De acordo com Altmann (2001) a sexualidade é uma via de acesso tanto a aspectos privados quanto públicos. Ela suscita mecanismos heterogêneos de controle que se complementam, criando o sujeito e a população como objetos de poder e saber.

Considera-se a importância do desenvolvimento psicosssexual na maturação e integração da personalidade, no equilíbrio emocional, em funções biológicas e sociais e em todo o estado de saúde psíquica juntamente com o papel da sexualidade no desenvolvimento das inter-relações humanas. A sexualidade, por sua vez, é um aspecto central do ser humano ao longo de toda sua vida e nela estão limitados os elementos relativos ao sexo, às identidades, aos papéis de gênero, ao prazer, à intimidade e a reprodução (OPAS, 2017).

A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de relação sexual, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam

e são tocadas, ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental. Quando falamos de Sexualidade, considera-se como algo natural do ser humano e que nos acompanha durante a vida inteira (OPAS, 2017).

Deste modo, é fundamental para as crianças e adolescentes obterem conhecimento sobre a sexualidade, pois dessa forma pode-se prevenir de sérias consequências, por exemplo, o abuso sexual e o *bullying*. Assuntos que serão discutidos neste artigo. Além disso, seria importante para que se tornem adultos com mais responsabilidades em relação à vida sexual, com menos preconceitos nas relações sociais e mais informados até mesmo sobre atitudes preventivas (SILVA, 2007).

Por isso, a sexualidade não é um tema importante apenas para jovens e adultos, até porque ela ocorre desde o nascimento, crianças também têm sexualidade em suas vidas, por mais que apareça diferente da vida adulta, a criança manifesta interesse e curiosidade no seu corpo desde pequena. Por este e outros fatores destaca-se a importância de se trabalhar sexualidade na escola (RODRIGUES et al. 2014).

Em uma sociedade, digamos que incompreensível, como a que vivemos, com forte presença de padrões morais e preconceitos, a escola assume um papel de grande importância, aprendemos a refletir, se posicionar, a se relacionar com o outro e assim viver em sociedade. Apesar de ser um tema que nos parece necessário nas escolas, sexualidade ainda é um assunto que está em construção social (SILVA, 2007).

Schindhelm (2011), afirma que a sexualidade infantil se apresenta na escola como um grande desafio pela transformação que promove na prática educativa, ao desvelar os ocultamentos e silenciamentos acerca da temática. Expressa por crenças, atitudes, valores, papéis e relacionamentos é produto de um trabalho permanente de ocultação, de dissimulação ou de mistificação na escola, um reflexo do que se produz da mesma forma na sociedade.

Sem dúvida o tema sexualidade deveria ser discutido abertamente, principalmente no ambiente escolar, de acordo com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) países com educação sexual inserida nas escolas têm os menores índices de gravidez precoce e de doenças sexualmente transmissíveis.

A escola é o ambiente primário de socialização da criança fora da família, e uma das suas principais funções é formar futuros cidadãos promovendo a construção moral e ética. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o principal objetivo das escolas é garantir a educação com equidade, por meio da definição das competências essenciais para a

formação do cidadão em cada ano da educação básica, por isso faz-se necessário que a escola seja um instrumento de propagação contra preconceitos, discriminações e tabus sociais. Para isso, a educação sexual é de suma importância tanto para um bom desenvolvimento pessoal dos estudantes quanto para a sociedade no seu todo.

Se levarmos em consideração que a escola também é um ambiente onde pode ser abordado assuntos relacionados à saúde, a prevenção e doenças, é interessante que os professores abordem abertamente sobre a sexualidade em sala de aula, podendo trabalhar o assunto de forma consciente e sem qualquer preconceito. Para que isso aconteça, é necessário que a escola tenha uma equipe pedagógica qualificada para manejar o assunto sexualidade.

Ao debater sobre o tema dentro de uma sala de aula, o professor trabalha questões temáticas específicas da sexualidade e suas diferentes abordagens, e para isso o educador precisa ter manejo do assunto. “É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema” (BRASIL, 1999, p. 303).

De acordo com Ribeiro (2013), a discussão sobre a inclusão de questões referentes à sexualidade no currículo escolar começa a tomar forma no Brasil no início do século XX. Os temas transversais que compõem os Parâmetros Curriculares Nacionais são Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo, por envolverem problemáticas sociais atuais e urgentes, consideradas de abrangência nacional e até mesmo mundial (BRASIL, 1997).

Como destacado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), de acordo com Moura (2011, p. 441), “a sexualidade tem relações diretas com personalidade, pensamentos, sentimentos e especialmente com a saúde, reforçando ainda mais a ligação desta com a psicologia”.

Para que o tema sexualidade seja abordado de forma funcional, deve estar definido claramente os objetivos da educação sexual, crescer o número de informações que se encontram ao alcance sobre sexualidade, preparar um programa e treinar professores e educadores para uma escuta real, e a capacidade de motivar a participação de todos os envolvidos no debate (FRADE et al., 1996; GONÇALVES; CASTRO, 2013, p. 04).

Conforme cita Silva (2007), a educação sexual é um processo, sistematizado. Ocorre em um ambiente específico como, sala de aula, posto de saúde, entre outros. E os educadores

ou profissionais de saúde são preparados para orientá-los. Educação sexual busca debater princípios morais e esclarecer preconceitos. O objetivo não é abordar questões íntimas nem se constituir em uma terapia.

Para os autores Dinis e Asimelli-Luz (2007), um trabalho de educação sexual significa problematizar a sexualidade, não no sentido de encará-la como problema a ser resolvido, mas de questionar as evidências, apresentar um leque de conhecimentos para que a sexualidade seja compreendida com um aspecto predominantemente histórico-cultural, ou seja, essa mudança de paradigma implica discutir todos os aspectos da sexualidade, inclusive as novas identidades sexuais e de gênero.

A Organização das Nações Unidas (ONU) considera que a educação sexual está relacionada à promoção de direitos humanos, direitos das crianças e adolescentes e o direito que toda pessoa tem à saúde, educação, informação e não discriminação.

O trabalho de educação sexual tem como objetivo principal as mudanças nos padrões de comportamento, levando-se em conta três aspectos fundamentais: a transmissão de informações de maneira verdadeira; a eliminação do preconceito e a atuação na área afetivo-emocional (BERALDO, 2003).

A educação sexual infantil é uma forte ferramenta que os educadores têm para ensinar as nossas crianças o senso de responsabilidade com o próprio corpo e com o corpo do outro. É ensinar para as crianças que essa é a verdadeira forma que ela tem de se proteger e de se cuidar. Tal temática precisa ser trabalhada sempre que vierem à tona situações de cunho sexual que condicionem um espaço para esclarecimentos, cabendo ao professor muita atenção e iniciativa quando uma oportunidade emergir em meio à prática educativa (SUPLICY, 1999).

É importante que o educador seja capacitado, vista que é dever do Estado capacitar os professores acerca do assunto, com o objetivo de orientar os alunos que não possuem informações adequadas, sanando as dúvidas de forma esclarecedora e acessível de acordo com a faixa etária de idade da criança (RODRIGUES et al. 2014).

Dentro de uma sala de aula, os professores acompanham as crianças, e realizam atividades como: higiene, alimentação, ensino em sala de aula, passeios, rodas de conversas, brincadeiras, entre outras atividades (SILVA, 2007). É importante que em meio a essas atividades os educadores estejam preparados para abordar o assunto sexualidade e sanar as dúvidas dos alunos.

O maior desafio que enfrenta o professor quando lida com questões que se referem a gênero e sexualidade, pode ser justamente a necessidade de romper com os seus próprios paradigmas, de se colocar num processo contínuo de desconstrução e reconstrução de valores socialmente construídos (muitos dos quais historicamente superados, modificados e sem sentido). A primeira questão sobre gênero e sexualidade com a qual o professor precisa lidar na escola refere-se ao conflito que pode haver entre o seu papel como o profissional que deve garantir o respeito e a compreensão relativos à diversidade de valores, crenças, condições e escolhas de outrem e as suas escolhas pessoais, que não devem ser apregoadas a ninguém, mas aceitas e respeitadas como as de qualquer outra pessoa. Para ser professor e enfrentar os desafios da educação atual, será preciso enfrentar-se a si mesmo (PESSÔA; PEREIRA; TOLEDO, 2017).

Deste modo o psicólogo dentro do ambiente acadêmico seria também para trabalhar esse conflito que o professor se depara enquanto profissional, facilitando para que ocorra uma orientação sem julgamentos, já que o psicólogo é um dos profissionais mais qualificados para abordar o assunto sexualidade. Paiva (2008, p. 642) afirma, “[...] o senso comum indica o psicólogo como o profissional mais preparado para dar conta da sexualidade. Pelo menos assim pensam os colegas formados em outras disciplinas, com quem trabalhamos na escola, nos serviços de saúde ou nas empresas”.

De acordo com Moura et al. (2011) existe uma relação promissora entre a psicologia e a educação sexual na escola. Atualmente o psicólogo escolar é um profissional que está constantemente inovando sua prática dentre as diversas possibilidades de ação no ambiente escolar.

O ideal é que todas as escolas tivessem em sua equipe pedagógica ao menos um psicólogo. Porque os professores muitas vezes não receberam sequer uma boa qualificação ou preparo para trabalhar o assunto sexualidade em sala ou até mesmo se negam a falar sobre o assunto.

SEXUALIDADE DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR

O diálogo é a peça-chave no processo de educar para a sexualidade. Algumas crianças e adolescentes questionam muito, outras nada interrogam e outras, precisam se sentir à vontade no ambiente para interagir ou levantar questões. Todos devem ser considerados, são crianças e adolescentes que têm dúvidas ou curiosidades a respeito da sexualidade (MOIZES; [Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 25, n°1, 2023. e-ISSN: 1982-3010.](#)

BUENO, 2010). É importante ter conhecimento sobre o assunto e saber educar adequadamente conforme a idade em que se encontram.

(...) a sexualidade humana figura como um dos temas mais inquietantes e, quase sempre, mais evitados no âmbito da comunidade escolar. Entretanto, a escola é a cada momento convocada a enfrentar as transformações sociais e o impacto dessas mudanças sobre os padrões de comportamento humano, no que tange à sexualidade (BIANCON, 2005, p. 09).

O professor não precisa ser um especialista em educação sexual, mas precisa estar devidamente informado sobre a sexualidade humana, para que possa transmitir de forma consciente o assunto, sendo capaz de sanar dúvidas, de criar contextos pedagógicos adequados e selecionar estratégias de informação, de reflexão e de rodas de conversas, onde possa ter trocas de ideias (MARTINI, 2016).

Há dois fatores que são relevantes a serem tratados em sala de aula nos dias de hoje. O primeiro fator seria a violência sexual infantil. A educação sexual favorece o buscar apoio e se esquivar de alguma situação de risco.

Se nas escolas ocorresse a educação sexual com crianças, aumentaria a probabilidade de casos de abuso infantil serem detectados. O esclarecimento sobre a violência sexual infantil é eficaz quando acontece uma conversa aberta sobre a sexualidade entre a criança e o professor, de maneira que ela se sinta confortável em relatar as possíveis ameaças de violência sexual. “Quando há essa conversa, é possível você preparar essa criança para ficar mais ligada, atendida com as circunstâncias que podem ser ameaçadoras e, quando ocorrer uma situação de risco, ela ter a confiança de poder conversar”, ressalta Maria Helena sobre uma comunicação que deve ser objetiva e direta para evitar casos de abuso (RBA, 2019).

Uma criança bem-informada vai estar menos vulnerável a ser vítima de violência sexual. Isso já é um ponto de extrema importância. A criança bem esclarecida, que conhece o seu próprio corpo, que foi ensinada a partir, digamos, dos 4 anos, sobre suas partes íntimas, já sabe reconhecer qualquer aproximação inapropriada de um adulto (CARVALHO, 2020).

É bem comum o abuso sexual ocorrer dentro do espaço familiar, e pelo fato da criança ser dependente e ter afinidade entre os familiares, torna-se difícil a criança reconhecer e relatar o abuso, por medo, sentimento de culpa, dificuldade em verbalizar o ocorrido e até mesmo por não entender ou saber que o que ocorreu foi uma violência, que isso é errado e não poderia ter acontecido.

De acordo com Regina Brito, delegada da (Delegacia Especializada de Proteção à Criança e ao Adolescente) DPCA, cerca de 90% dos casos registrados são de abuso sexual e 70% deles acontecem dentro do ambiente familiar (ZOTTINO, 2011).

Uma criança passa grande parte do seu dia na escola, ambiente que se caracteriza por ser um local primário para se descobrir a violência sexual infantil precocemente, também para a prevenção desse tipo de violência, por meio da orientação, ou seja, a educação sexual em sala. Para Spaziani e Maia (2015, p. 62), “Isso porque a sexualidade infantil se expressa no contexto escolar, por meio de brincadeiras, jogos, autoerotismo e conversas sobre o tema, bem como as crianças vítimas de violência sexual manifestam diversos indicadores em sala de aula”.

Spaziani e Maia (2015) argumentam que, os adultos têm como percepção que a criança é inocente, não tem atração sexual e que é imatura para conversar sobre sexualidade, o que dificulta a interação em sala de aula, com o argumento que a criança não tem nada a dizer ou saber sobre o assunto, desta forma, o professor não orienta adequadamente a respeito da sexualidade infantil em sala e subestima a capacidade da criança em obter conhecimentos sobre o assunto.

Levando em consideração que muitos adultos compreendem que a criança não sente atração sexual e é um ser inocente, é comum não falar a respeito, não esclarecer dúvidas ou explicar curiosidade, por medo de despertar interesse por parte da criança ou levar a criança a antecipar a sua vida sexual (SPAZIANI; MAIA, 2015)

Sexualidade deve ser tratada também em ambiente escolar, cabe aos professores e profissionais da área fazer a orientação correta. Pode ser realizado através de leituras infantis referentes à prevenção da violência sexual, através de apresentações de filmes, teatros infantis ou dramatização sobre o tema (SPAZIANI; MAIA, 2015).

O segundo fator que seria relevante ser tratado em sala de aula, é a diversidade sexual e de gênero. Enfatiza-se a importância de se falar sobre orientação sexual e gênero na educação infantil e ensinar para as crianças, desde pequenas, que todos devem ser respeitados, promovendo a desnaturalização de preconceitos e *bullying* relacionados à sexualidade.

Vanessa Leite, afirma que é fundamental que os espaços educativos e a política de Educação deem conta sobre o assunto referente a diversidade, porque essas crianças e adolescentes estão na escola cotidianamente, e se elas não têm apoio na família, é importante que na escola elas tenham algum suporte para viver esses momentos difíceis de descoberta e transições (CASTILHOS, 2015).

Visto que segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a escola tem o papel de transmitir uma educação com equidade, contra a propagação de preconceitos, discriminações e tabus sociais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2001) colocam a pluralidade cultural e a sexualidade como temas transversais, devendo ser trabalhados, juntamente com todos os conteúdos curriculares, a inclusão na perspectiva de gênero e sexualidade na educação.

Madureira e Branco (2015) trazem a necessidade de investimento na ampliação do ambiente escolar e relacional destinados a trabalhar as emoções, crenças e valores com o objetivo da consolidação de práticas reflexivas em acordo com a construção de uma cultura democrática de valorização da diversidade no contexto escolar.

A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO DENTRO DA ESCOLA

O ambiente escolar é um ambiente constituído por diversos tipos de pessoas, cada uma com sua singularidade e subjetividade.

(...) as escolas possuem clientelas muito diversificadas. Isso aumenta a responsabilidade do professor, que precisa dar conta dessa heterogeneidade dentro da sala de aula. Um dos problemas para o desenvolvimento de um projeto de Educação Sexual na escola, e que sempre gera discussão, é a falta de consenso sobre as formas de atuação em virtude da complexidade do assunto e por falta de capacitação e preparo de pessoal (BIANCON, 2005, p. 22).

Um psicólogo no ambiente escolar pode atuar de diversas formas: fazendo avaliação, diagnóstico, atendimento e encaminhamento de alunos com dificuldades na aprendizagem, orientando professores e pais de alunos, na formação e orientação de professores, na elaboração e coordenação de projetos educativos, como por exemplo, à violência infantil, ao uso de drogas, à gravidez precoce, ao preconceito, e diversos outros temas. E, claro, atuar na educação sexual, onde este psicólogo, orienta em relação a sexualidade, a responsabilidade e respeito que a criança deve ter com seu corpo e com o corpo do outro, esclarecer as dúvidas e inquietações sobre desejos e afetos, também desenvolvendo na criança o autoconhecimento, a autorreflexão, fazendo com que a criança e adolescente criem capacidade de tomar decisões conscientes (MARTINEZ, 2009).

Desta forma torna-se fundamental que o Psicólogo deixe de ser alguém a quem Instituições recorrem apenas em momentos de emergência, e passe a ser aquele que busca influenciar políticas sociais e educacionais, reafirmando seu compromisso social, através da realização de programas, que atinjam a grupos e a totalidade da comunidade, o que inclui,

portanto os programas de prevenção, como é um trabalho de educação sexual (CREMONESI; FERREIRA).

Um psicólogo dentro do ambiente escolar propicia o acompanhamento do desenvolvimento de crianças e adolescentes em suas dimensões de vida. Com o objetivo de acompanhar elementos dos diferentes contextos, como familiares ou comunitários que favorecem ou dificultam este processo. Trata-se de um papel relevante, na medida em que estando inserido no ambiente acadêmico, contribuindo positivamente para construir um entendimento mais integrado sobre o que acontece com a criança e sua família. (FRANCISCHINI, 2016).

O processo de inserção dos psicólogos nas redes de ensino, especialmente municipais e estaduais, tem se caracterizado por avanços e retrocessos. Há municípios e estados que já incluíram o profissional na equipe da escola e podem, com mais propriedade, contribuir para uma avaliação desta inserção. Apesar disso, ainda tem sido difícil congregador educadores, psicólogos e comunidade para um debate sobre o que vem sendo o trabalho neste campo (CFP, 2008). Deste modo o psicólogo dentro da escola faz um papel de mediador entre professor, aluno, família e comunidade.

Diante do exposto, esse trabalho teve como pergunta de pesquisa "Qual a percepção dos professores sobre a necessidade do psicólogo como facilitador no trabalho de educação sexual nas escolas de educação infantil e ensino fundamental?"

MÉTODO

A presente pesquisa teve como delineamento levantamento de dados bibliográficos e pesquisa quali-quantitativa. A pesquisa quali-quantitativa oferece três diferentes possibilidades de abordagem: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando informações em relação ao tema de estudo a partir da perspectiva dos participantes, considerando todos os pontos de vista relevantes (GODOY, 1995).

Participaram da pesquisa 26 educadores entre 20 e 60 anos de idade que estavam no mínimo um ano efetivos em sala de aula da Educação Infantil e Ensino Fundamental de escolas municipais. O questionário foi divulgado pelas pesquisadoras, encaminhado para grupos de professores do município pelas redes sociais. Os critérios para inclusão foram: professores de escola pública, do ensino fundamental e educação infantil, com experiência de, no mínimo um

ano em sala de aula. E os critérios de exclusão foram: não concluir o questionário por completo, professores com menos de um ano de experiência em sala e que não fossem da educação infantil ou ensino fundamental.

A coleta de dados foi realizada através de um formulário online pela plataforma *Google Forms*, elaborado pelas pesquisadoras, contendo ao total 14 perguntas, sendo 10 fechadas e 4 abertas, relacionadas a dados sociodemográficos contendo idade, identidade de gênero, tempo de profissão, qual instituição e qual segmento leciona, além de questões referente a percepção dos educadores em relação a educação sexual na educação infantil, sobre empecilhos que encontram sobre o tema em sala de aula, e sobre a inserção do psicólogo como um auxiliar no processo da educação sexual na escola.

Inicialmente, obteve-se a autorização da Diretoria da Secretaria de Educação do Ensino Fundamental do município. Posteriormente a pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil e autorizada pelo comitê de ética (8527 - Centro Universitário Dinâmica das Cataratas - UDC). O questionário online foi liberado pela plataforma *Google Forms*. Os participantes concordaram com o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, informando seu interesse em participar desta pesquisa. Quando atingido o número necessário de participantes o questionário foi encerrado, e os dados analisados.

Os dados obtidos da presente pesquisa foram analisados de forma descritiva e tabulados, visando a melhorar a visualização dos resultados. A análise textual foi analisada pelas pesquisadoras e apresentadas no (quadro 1).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1 - Descrição sociodemográfica: idade, identidade de gênero, tempo de profissão, escola e segmento de ensino

Dados Sociodemográficos	Quantidade	Porcentagem
Idade	Nº	%
20-30 anos	3	11,5%
30-40 anos	14	53,8%
40-50 anos	7	26,9%
Mais de 50 anos	2	7,7%
Identidade de gênero	Nº	%
Feminino	25	96,2%
Masculino	1	3,8%
Outros(as)	0	0%
Prefiro não dizer	0	0%
Tempo de profissão	Nº	%
1-5 anos	8	30,8%
5-10 anos	7	26,9%
10-20 anos	6	23,1%

Mais de 20 anos	5	19,2%
Segmento de Ensino	Nº	%
Educação Infantil	17	65,4%
Ensino Fundamental I	9	34,6%

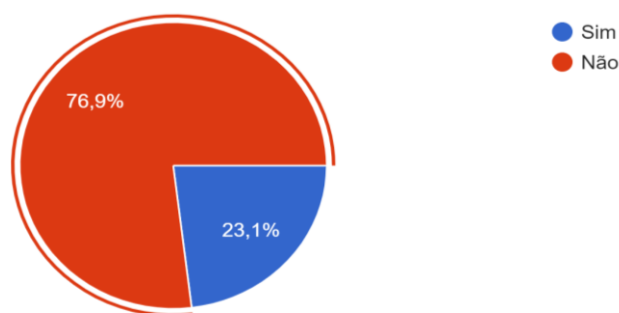
Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Araújo e Hammes (2012, p. 7) fazem uma consideração relevante quanto à escassez de homens atuando como professores de crianças: “[...] essa ausência ligada ao receio ou medo em relação à pedofilia, ao homossexualismo, a visão de que cuidar de crianças é uma tarefa exclusivamente feminina ou questiona-se se a educação de crianças realmente necessita de homens ou para eles existem outras profissões”.

Gonçalves e Faria (2016), afirma que se houvesse mais homens atuando na educação infantil, a presença do sexo masculino em sala, não causaria estranheza e não seria uma situação de incômodo. Isso significa tornar o não familiar em familiar, ou seja, algo natural para a sociedade, homens em sala de aula com crianças. Uma consideração de fato interessante, já que na Tabela 1, demonstra que dos 26 educadores que participaram da pesquisa somente um é do sexo masculino.

Referente às demais questões sobre capacitação dos educadores a respeito da educação sexual na escola, empecilhos que encontram ao abordar sobre o assunto, e a inserção do psicólogo como um auxiliador, verificamos nos gráficos abaixo.

Gráfico 1 - Você já recebeu alguma orientação e/ou capacitação para trabalhar o tema educação sexual?

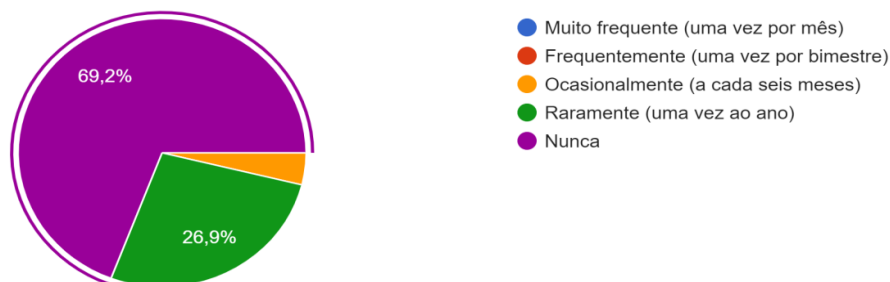


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Observa-se que 20 dos 26 participantes declaram não terem recebido alguma orientação ou capacitação para trabalhar o tema educação sexual em sala de aula. Sendo a escola o ambiente mais adequado para se discutir o tema sexualidade. Porém, faltam capacitação teórica e reflexiva para os educadores, com o objetivo de contribuir no trabalho

com as crianças, pois a maioria não está preparada para conduzir discussões sobre sexualidade e, muitas vezes, a postura do educador pode ser comprometida por padrões pessoais e acabar interferindo na hora de tratar sexualidade com os alunos. A escola representa o locus por excelência para abordar o tema sexualidade com as crianças e os adolescentes; entretanto, se faz necessária a preparação dos educadores nessa área, objetivando melhor formação dos alunos (HOLANDA; FROTA; MACHADO; VIEIRA, 2010).

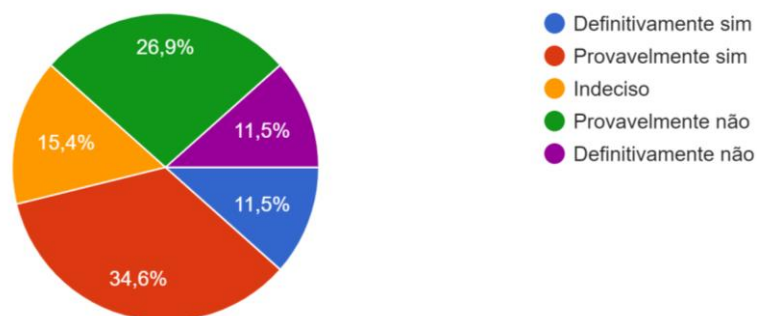
Gráfico 2 - Na escola onde você leciona é desenvolvido algum trabalho de educação sexual com os alunos?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

No gráfico 2, nota-se que os participantes relatam nunca 69,2%, raramente 26,9% e ocasionalmente 3,8% terem desenvolvido algum trabalho sobre educação sexual na escola onde trabalham. O governo brasileiro, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecidos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), elaborou a proposta de incluir no currículo da escola a orientação sexual como disciplina. Esta medida não deixa de ser iniciativa da inserção do tema “sexualidade” na escola, mostrando a sua relevância para a população (HOLANDA et al. 2010). Porém, como ilustra o gráfico, na sua grande maioria, as escolas não trabalham Educação Sexual em sala de aula.

Gráfico 3 - Você tem dificuldade em falar sobre sexualidade com as crianças em sala de aula?



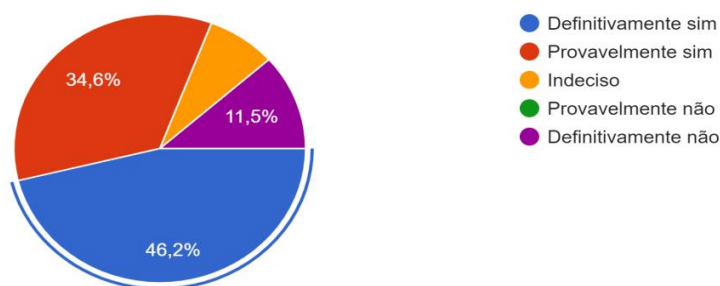
Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

De acordo com o gráfico 3, 34,6% provavelmente tem dificuldade de abordar o tema em sala de aula com crianças e apenas 11,5% definitivamente não tem dificuldades em abordar sexualidade em sala de aula, ou seja, dos 26 participantes, apenas 3 abordariam o tema sem nenhuma dificuldade.

Figueiró (2009) destaca o fato de que quando se propõe educar sexualmente os alunos, há que se pensar, em oportunizar aos professores o reeducar-se sexualmente, participando de estudos que auxiliem a preparar-se para atuar como educadores sexuais, tanto do ensino regular, quanto no ensino especial.

A responsabilidade dos educadores é muito grande, principalmente com o papel exercido por estes atores dentro de uma instituição que está a serviço de formar cidadãos e cidadãs potencialmente reflexivas e críticos. Por este motivo, existe a importância de fornecer subsídios para educadores, com políticas socioeducacionais e práticas pedagógicas voltadas a garantir a permanência, a formação de qualidade, a igualdade de oportunidades e o reconhecimento de identidades de gênero, contribuindo para a melhoria do contexto educacional e que apresentem um potencial transformador que ultrapassa os limites da escola (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009).

Gráfico 4 - Como educador, você acha importante discutir sexualidade na Educação Infantil?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

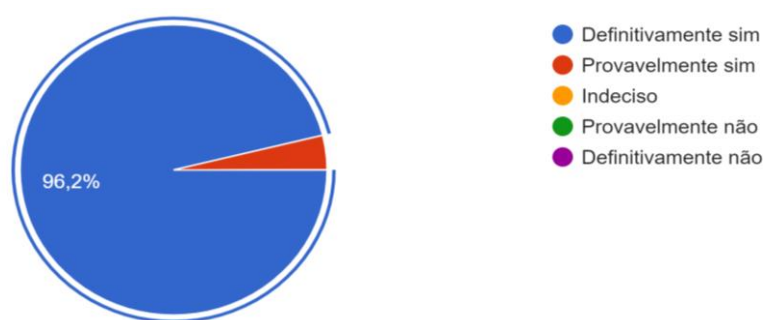
Apesar dos educadores terem dificuldade de abordar o tema sexualidade em sala de aula, 46,2% dos participantes definitivamente acham importante discutir o tema na educação infantil, e 34,6% acreditam ser provavelmente importante. Já 11,5% definitivamente não acham importante discutir sexualidade em sala.

Silva (2007) define que os educadores devem procurarem, ser participativos, coordenando as ações desenvolvidas na escola, procurando provocar o debate e a crítica dos estudantes, durante as atividades desenvolvidas em sala de aula. Egypto (2005) descreve que

a falta de informação sobre sexualidade para os alunos pode alimentar preconceitos e conceitos morais equivocados, produzindo discriminação e atitudes incorretas.

Os 11,5% dos professores que definitivamente não acham importante discutir sexualidade em sala, pode estar relacionado com suas dificuldades particulares em se tratar do assunto, em relação aos próprios educadores, ou até mesmo em função da escassez de conhecimento e discussões sobre o assunto dentro do ambiente escolar, o que faz com que muitos pensem não ser importante ou acabam acreditando nos dizeres populares de que sexualidade não é assunto para se tratar com criança.

Gráfico 5 - Você acha que seria importante a participação de um profissional psicólogo (a) no ambiente escolar?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

De acordo com o gráfico acima, 96,2% dos educadores responderam “definitivamente sim” para a importância do psicólogo no ambiente escolar e somente um, 3,8% “provavelmente sim”.

A junção entre a Psicologia e a Educação trouxe, para o ambiente educacional, um novo profissional: o psicólogo escolar. Entretanto, definir o papel deste profissional e estabelecer seu campo de atuação não é tão simples, apesar de extremamente necessário (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009). Segundo Del Prette (1996, p. 145): “[...] a atuação do psicólogo se dá basicamente nas e através das interações sociais”.

O caminho mais adequado que o psicólogo pode tomar para intervir no contexto escolar é aquele em que, sem excluir as contribuições da psicologia clínica e acadêmica, o psicólogo assume o papel de mediador, proporcionando mudanças dentro da instituição escolar. Ele atuaria como um elemento centralizador de reflexões e conscientizador dos papéis representados pelos vários sujeitos que compõem tal espaço. Deste modo, em vez de abordar os problemas escolares focando nos alunos, o psicólogo atuaria sobre as relações que se cria neste ambiente, levando em consideração o meio social em que estas relações estão

inseridas, o tipo de clientela que atende e também os grupos que a compõem. Ele atuaria, portanto, sobre a instituição escolar (MARTINS, 2003).

O Psicólogo Escolar precisa criar um espaço para escutar as demandas da escola e pensar maneiras de lidar com situações cotidianas. Precisa criar formas de reflexão dentro da escola, com todos os sujeitos que fazem parte do espaço, incluindo também a família e a comunidade, para que se possa trabalhar com suas relações e paradigmas. Precisa participar das reuniões de conselho de classe, onde poderá estabelecer novas maneiras de olhar os alunos, evitando rótulos, diagnósticos imprecisos e hipóteses únicas. Deverá também participar do processo de construção do Projeto Político Pedagógico da escola. Precisa ter cautela para diferenciar problemas e para que as soluções sejam as mais justas e eficazes (ANDRADA, 2005).

De acordo com a atuação do psicólogo na instituição escolar, pode-se considerar necessário a contribuição deste profissional para se trabalhar educação sexual, abrangendo não só os educadores e alunos, mas realizando intervenções e trabalhos com todos os sujeitos que frequentam tal ambiente.

O Quadro 1, demonstra algumas falas trazidas pelos educadores referentes ao papel do psicólogo, desafios ao se trabalhar sexualidade em sala, as vantagens de se trabalhar sexualidade e as dúvidas mais frequentes dos alunos em relação à sexualidade.

Quadro 1 - Algumas falas dos educadores

Relacionado ao	Respostas
Papel do psicólogo	P1: "Orientação e esclarecimento"; P11: "Mediador numa proposta interdisciplinar, o conhecimento desenvolvido em conjunto uma equipe de saúde"; P22: "O psicólogo auxiliaria nas estratégias para o aluno se sentisse seguro para tal assunto"; P24: "Somente orientar para prevenir o abuso sexual e crianças que foram abusadas".
Desafios ao se trabalhar sexualidade em sala	P1: "A possível não aceitação das famílias"; P20: "A sociedade"; P26: "Falta de preparo"; P7: "Preconceitos".
As vantagens de se trabalhar sexualidade	P1: "Prevenção e detecção de possíveis abusos"; P11: "Prevenção de abusos e violência sexual contra crianças"; P20: "Prevenção de abusos sexuais, desenvolvimento e conhecimento do corpo"; P24: "Somente sobre prevenção de abusos".
As dúvidas mais frequentes dos alunos	P2: "Falta de conhecimento do próprio corpo"; P11: "Por que o coleguinha tem duas mães ou dois pais?"; P18: "Dúvidas sobre sexualidade de cunho biológico";

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Franschini et al. (2016) compreende que o papel do psicólogo no ambiente escolar é ser um agente catalisador de reflexões e mudanças, se posicionar, e ser um mediador das relações que se estabelecem entre professor e aluno. Favorecendo o diálogo e transformando a sala de aula num espaço de encontro, vínculos e cooperação.

Sobre as vantagens de se trabalhar a sexualidade em sala, Madureira e Branco (2015) afirma que a sexualidade não está do lado de fora dos muros da escola. Da mesma forma, não são externos a construção de estratégias de promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero na escola. Vieira e Matsukura (2017) ressaltam sobre a importância de uma compreensão mais ampla da sexualidade e questões a serem trabalhadas nas práticas, de forma que questões como a diversidade de gênero, por exemplo, sejam trabalhadas no ambiente escolar com o objetivo de sensibilizar as crianças e adolescente sobre o reconhecimento e respeito às diversidades.

E referente as dúvidas das crianças em sala, Suplicy (1985) esclarece que as perguntas devem ser respondidas de forma simples, sendo modificadas de acordo com o crescimento da criança. Nos ciclos iniciais (idades mais precoces), a manipulação curiosa e prazerosa das diferenças genitais é frequente, e sua intervenção deve-se dar de modo a apontar a inconformidade de determinados comportamentos às normas do convívio educacional, não cabendo a reprovação ou aprovação dessas atitudes, mas sim, contextualizá-las. (BRASIL, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados obtidos através da presente pesquisa, pode-se afirmar que o tema sexualidade ainda é um grande desafio a ser trabalhado nas escolas, apesar de ser um tema presente no contexto escolar. Os educadores ainda precisam de capacitações para obter informações a respeito do tema e como lidar de forma adequada em cada etapa do desenvolvimento infantil.

Em relação à participação do psicólogo no ambiente escolar, o trabalho de educação sexual vai ao encontro de uma prática da psicologia da educação comprometida com o processo de humanização. O profissional deve estar comprometido com a construção de um

processo educacional no qual haja a socialização do saber e da construção do pensamento crítico, de maneira que possa ocorrer a transformação de imediato em mediato, apreender a realidade em suas múltiplas determinações e entender a sociedade como um movimento de vir-a-ser (MEIRA et al., 2006).

O processo de humanização nos dias de hoje depende da possibilidade de adaptação, por cada indivíduo singular, das objetivações (objetos, usos e costumes) produzidas pelo sujeito ao longo da sua história (MAIA et al., 2012). Não somente por conta da educação sexual, mas por diversos outros motivos, como citado na pesquisa, é importante que se tenha um psicólogo na escola.

De acordo com a Lei 13.935/2019 as escolas públicas de educação básica deverão contar com serviços de psicologia e de serviço social para atender as necessidades e prioridades definidas pelas políticas de educação, por meio de equipes multiprofissionais (BRASIL, 2019).

Conforme a pesquisa, foi constatado que no Oeste do Paraná, no município de Foz do Iguaçu, atualmente, nas escolas públicas não tem psicólogo atuando. Ainda, foi demonstrado que a maioria dos educadores infantis que participaram da pesquisa, não recebeu capacitação ou alguma orientação para abordar o tema. Sendo a Educação Sexual uma disciplina que consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Segundo os participantes da pesquisa os desafios em abordar sexualidade com as crianças, de modo geral, seria a família e a sociedade. Vale ressaltar também a escassez de informação em relação ao trabalho do psicólogo na temática de educação sexual no ambiente escolar.

Portanto, nos cabe refletir acerca da importância de ser trabalhado Educação Sexual na escola e o quão importante é a presença de um psicólogo no ambiente escolar, para que se possa construir uma sociedade livre de falso moralismo e com adultos mais conscientes.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, p. 575-585, 2001.

ANDRADA, Edla Grisard Caldeira de. Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 18, p. 196-199, 2005.

ARAUJO, Messias Pereira; HAMMES, Care Cristiane. A androfobia na educação infantil. *Interfaces da Educação*, v. 3, n. 7, p. 5-20, 2015.

BERALDO, Flávia Nunes de Moraes. Sexualidade e escola: espaço de intervenção. *Psicologia escolar e educacional*, v. 7, p. 103-104, 2003.

BIANCON, Mateus Luiz. *A educação sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores*. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. Ensino de Ciências e Educação Matemática. Universidade Estadual de Londrina, 2005.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Fundamental: Orientação sexual. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em psicologia*, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CARVALHO, Daiana. *Como a educação sexual pode salvar crianças de casos de abuso infantil*. Ecoa Uol por um mundo melhor, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/17/educacao-sexual-pode-salvar-criancas-de-casos-de-pedofilia.htm>. Acesso em: 05 novembro 2021.

CASTILHOS, Washington. "A escola já é diversa". Centro latino-americano em sexualidade e direitos humanos, 2015. Disponível em: <http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?cod=12195>. Acesso em: 10 novembro 2021.

CONCELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Ano da Psicologia na educação, textos geradores*. Brasília: CFP, 2008.

CREMONESI, Carlos Alberto; FERREIRA, Marçal Donizete. *Adolescentes e sexualidade: contribuições da psicologia a partir de um projeto de orientação sexual*. Anhanguera Educacional, 12(13), 2009.

DE HOLANDA, Marília Lima et al. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. *Cogitare Enfermagem*, v. 15, n. 4, p. 702-708, 2010.

DE OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. Psicologia escolar: cenários atuais. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 9, n. 3, p. 648-663, 2009.

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. *Educar em Revista*, p. 77-87, 2007.

DO AMARAL MADUREIRA, Ana Flávia; BRANCO, Ângela Uchoa. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia*, v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015.

FRANSCHINI, Rosângela; VIANA, Meire Nunes. *Psicologia Escolar: que fazer é esse?* / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2016.

[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 25, nº1, 2023. e-ISSN: 1982-3010.](#)

- GIL, Antonio Carlos et al. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*, v. 35, p. 20-29, 1995.
- GONÇALVES, Charlisson Mendes; DE CASTRO, Marleide Marques. *FALANDO SOBRE SEXO E SEXUALIDADE: EXERCÍCIO PRÁTICO EM UM AMBIENTE ESCOLAR*, 2013.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi et al. Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, v. 17, p. 151-156, 2012.
- MARTINEZ, Albertina Mitjans. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 13, p. 169-177, 2009.
- MARTINEZ, Albertina. O que pode fazer o psicólogo na escola? *Em aberto*, v. 23, n. 83, 2010.
- MARTINI, Claudinei J. A abordagem do tema educação sexual em sala de aula: juntos ou separados. *Educação em Foco*, n. 08, p. 01-12, 2016.
- MARTINS, João Batista. A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. *Psicologia em estudo*, v. 8, p. 39-45, 2003.
- MEIRA, Marisa Eugênia Melillo et al. Psicologia escolar, desenvolvimento humano e sexualidade: projetos de orientação sexual em instituições educacionais. *Revista Ciência em Extensão*, v. 2, n. 2, p. 94-113, 2006.
- MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 44, p. 205-212, 2010.
- MOURA, Ana Flora Müller et al. Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar. *Psicologia Argumento*, v. 29, n. 67, 2011.
- NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria; CAMARGO, Erigido Vizeu. Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas em Psicologia*, v. 8, n. 3, p. 287-299, 2000.
- Organização Pan-Americana da Saúde. Ministério da Saúde. Saúde e sexualidade de adolescentes. Construindo equidade no SUS. Brasília: OPAS, OMS, 2017.
- PAIVA, Vera. A psicologia redescobrirá a sexualidade? *Psicologia em Estudo*, v. 13, p. 641-651, 2008.
- PESSÔA, Lilian Correia; PEREIRA, Rodnei; TOLEDO, Rodrigo. Ensinar gênero e sexualidade na escola: desafios para a formação de professores. *Revista de Estudos Aplicados em Educação*, v. 2, n. 3, 2017.
- Rede Brasil Atual. *Educação sexual, nas escolas e em casa, evita abuso de crianças e adolescentes*. Rede brasil atual, 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/educacao-sexual-em-casa-e-na-escola-evita-abuso-de-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 10 novembro 2021.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Editora da FURG, 2013.

RODRIGUES, Cibele Pavani. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. 2014.

SCHINDHELM, Virginia Georg. A sexualidade na educação infantil. *RevistAleph*, n. 16 2011.

SILVA, Maria Cecília Pereira da et al. Resenha: Sexualidade começa na infância: para pais, educadores e profissionais de saúde: desenvolvimento sexual infantil de 0 a 6 anos: como implantar um trabalho de orientação sexual. *Revista Brasileira de Psicanálise*, p. 173-174, 2007.

SPAZIANI, Raquel Baptista; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação para a sexualidade e prevenção da violência sexual na infância: concepções de professoras. *Rev. psicopedag.*, São Paulo, v. 32, n. 97, p. 61-71, 2015.

SUPLICY, Marta. *Conversando sobre sexo*. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

SUPLICY, Marta. Papai, mamãe e eu: desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos. In: *Papai, mamãe e eu: desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos*. 1999.

TONETTO, Prof Dr Leandro. GIL, AC Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Atlas, 2009.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, p. 453-474, 2017.

ZOTTINO, Taryne. *Ambiente familiar é cenário de 70% dos casos de abuso sexual*. Correios do estado, 2011. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/ambiente-familiar-e-cenario-de-70-dos-casos-de-abuso-sexual/127358>. Acesso em: 05 novembro 2021.

Recebido em 28 de outubro de 2022

Aprovado em 16 de dezembro de 2022.

